



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Serviço Social, Relações de Exploração/Opressão de Gênero, Raça/Etnia, Geração e Sexualidade.

Sub-Eixo: Ênfase em Gênero.

“DA NOITE PARA O DIA”: O TRÁFICO DE PESSOAS, A EXPLORAÇÃO SEXUAL E A PROSTITUIÇÃO PARA AS TRAVESTIS E TRANSEXUAIS

Jessyca Barbosa Duarte¹
Renata Maria Paiva da Costa²

Resumo: O presente artigo apresenta o recorte de uma dissertação de mestrado e aborda a realidade do tráfico de pessoas para fins de exploração sexual, tendo como sujeitos da pesquisa travestis e mulheres transexuais, as quais são invisibilizadas e marginalizadas socialmente, sendo interpeladas pelas violências e pela prostituição.

Palavras-chave: Tráfico de Pessoas. Prostituição. Travestis e mulheres transexuais.

Abstract: This article presents the curriculum of a master's thesis and discusses the reality of trafficking in persons for the purpose of sexual exploitation, having travestis and transsexual women as subjects of investigation, who are socially invisible and marginalized, being questioned by violence and prostitution.

Keywords: Trafficking in Persons. Prostitution. Transvestites and transsexual women.

1 INTRODUÇÃO

O tráfico de pessoas assume dimensões complexas na sociedade do capital. O corpo não só de mulheres, como também de travestis e de transexuais, tornou-se fonte de lucro, isto é, em um processo econômico, político e social, a vida é submetida a uma lógica destrutiva de acumulação e o corpo é reificado e negociado como uma mercadoria. No contexto contemporâneo, em que o capitalismo apresenta-se com a sua face mais devastadora, ou seja, no neoliberalismo, há o favorecimento de um processo de precarização das condições de trabalho, dos baixos salários e da flexibilização dos direitos trabalhistas, que atingem, prioritariamente, as camadas mais pobres da sociedade. De tal modo, observa-se o aumento das desigualdades sociais entre as classes, da pauperização e das discriminações para boa parte da população mundial. Assim, o tráfico de pessoas expõe uma precarização não só das relações de trabalho, mas também das condições de vida, uma vez que os seres humanos são tratados como mercadorias.

Diante da problemática sobre o tráfico de pessoas, destacam-se como sujeitos desta pesquisa as travestis e as mulheres transexuais que, assim como as mulheres, têm

¹ Professor com formação em Serviço Social, Universidade Estadual do Ceará, E-mail: jessycabarbosa75@hotmail.com.

² Profissional de Serviço Social, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, E-mail: jessycabarbosa75@hotmail.com.

sido apontadas como possíveis “alvos” de aliciadores para o tráfico para fins de exploração sexual. O objetivo desta pesquisa é o de desvelar os meandros deste fenômeno e do processo de aliciamento e de exploração sexual ao qual este público pode estar sujeito. Contudo, não se pretende minimizar ou categorizar este segmento em classificações estigmatizantes que as determinariam entre o dualismo de “traficadas” ou “não traficadas”. Nota-se que as bibliografias sobre o tráfico de pessoas, bem como os documentos legais, não apresentam pesquisas mais apuradas sobre travestis e mulheres transexuais. Estas pessoas, mediante as poucas oportunidades sociais e as condições de vida perpassadas por violências, inserem-se, em grande parte, no mercado do sexo, tendo, principalmente, a prostituição como atividade. Dela retiram não apenas o seu sustento, como também a possibilidade de ascenderem socialmente e de transformarem os seus corpos. A migração para o exercício da prostituição, realizada comumente para regiões do Sudeste/Sul do Brasil ou para países da Europa, aparece para este segmento como um objetivo a ser alcançado. Neste sentido, mediante as diversas formas de violência, os preconceitos e os processos marginalizantes a que estão constantemente submetidas torna-se relevante questionar como desempenham suas experiências sociais na prostituição e como demarcam a sua identidade de gênero.

O presente artigo apresenta um recorte dos resultados da pesquisa de dissertação de metrado apresentados no ano de 2017, cujo objetivo era estudar o aliciamento e a exploração sexual de travestis e mulheres transexuais para o tráfico de pessoas. O texto que se segue, de natureza qualitativa, intenta apresentar o produto de leituras, exames documentais e de pesquisa de campo. Para isso, foram realizadas seis entrevistas, uma com cada interlocutora, utilizando-se para o estabelecimento de contatos para as entrevistas a técnica da amostragem em “Bola de Neve”³. Foi resguardado aos sujeitos o sigilo de suas identidades em todas as fases da pesquisa. Portanto, a pesquisadora deu às participantes nomes de atrizes consideradas símbolos de feminilidade, de glamour e de beleza no cinema internacional em diferentes épocas. São elas: Marilyn Monroe, Lupita Nyong`o, Angelina Jolie, Scarlett Johansson, Viola Davis e Brigitte Bardot.

2 ENTRE A EXPLORAÇÃO SEXUAL E A SOCIABILIDADE DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS NA PROSTITUIÇÃO

³ Por meio desta técnica, lançou-se mão de uma informante-chave, Marilyn, cujo contato inicial foi feito pelo *Facebook*. A partir de então, a pesquisadora trocou telefones com a participante-informante, estabelecendo conversas com esta pelo aplicativo *WhatsApp*. A participante forneceu três contatos que, posteriormente, vieram a ser entrevistadas pela pesquisadora. Duas, das três participantes, também indicaram novas interlocutoras e, assim, foi sendo estabelecida uma rede de contatos.

A prostituição tem para travestis e mulheres transexuais um significado que ultrapassa os códigos morais. Este segmento descobre na prostituição não apenas um trabalho, mas também uma forma de sociabilidade, de aprendizado, de desejo e de expressão de sua feminilidade. Com isso quer-se dizer que na prostituição elas encontram possibilidade de se construir corporal e subjetivamente, além de se fazerem visíveis para os homens (clientes ou não) e para outras travestis e mulheres transexuais. A prostituição e a rua se apresentam, assim, de forma contraditória, pois, ao mesmo tempo em que podem expor prostitutas a diversas violências, também podem ser consideradas como uma forma de sociabilidade de transexuais e de travestis. Muitas vezes é nesse espaço em que conhecem os seus “grandes amores” e que recebem tentadores convites para viajar para a Europa. De tal modo,

[...] a rua é claramente um espaço de sociabilidade, onde se aprende a se tornar e a ser travesti. É também um local em que elas encontram pessoas conhecidas e fazem novas amizades. Muitas vezes, também, é ali que conhecem seus parceiros; que compram roupas, perfumes e acessórios; que planejam festas, defendem-se mutuamente, ou se rivalizam. É na rua que elas ficam sabendo como anda o comércio sexual na região, no estado, quando não, no país e no exterior. Informam-se também sobre novas técnicas de transformações corporais, interam-se sobre o destino de uma ou outra travesti conhecida: se foi para a Europa, se morreu “bombando”, se está com a “tia”, que é como muitas vezes se referem à aids. Nas esquinas testam o sucesso de suas próprias transformações em busca do feminino (Benedetti. 2005) (PELÚCIO, 2009, p. 40).

Portanto, a prostituição, ainda que esteja permeada por estereótipo e estigmas (os quais travestis e transexuais reiteram em sua performatividade), ganha uma nova acepção quando relacionada a este segmento. O fato de serem negadas nos mais diferentes espaços (escola formal, postos de saúde, mercado de trabalho e até banheiros públicos) faz com que o mercado do sexo e, especificamente, a prostituição torne-se para elas “um lugar no mundo”. De acordo com a militante trans Siqueira (2013, p. 173),

A prostituição me dá direito de falar idiomas, de aprender outras culturas. Tudo que falei aqui de história, da Bíblia, não aprendi na escola; aprendi na prostituição. Foi por isso que, naquela briga com Bolsonaro, quando eu disse “olhem o que seus filhos vão aprender na escola”, falei no Senado que as prostitutas foram minhas melhores amigas. E foram mesmo. Aprendi francês com elas, aprendi a maneira chique e aquela da rua mesmo [...].

No entanto, não foram raras as vezes em que as entrevistadas desta pesquisa se referiam aos serviços sexuais como uma atividade suja e que só estavam inseridas na mesma (ou pensam em realizar) por questões de necessidade e/ou para “fazer o corpo”. Interpreta-se aqui que esta visão moralista em relação à prostituição demonstra uma forma de se negar uma prática já condenada socialmente e de desvinculá-la da tão “inevitável” e já estigmatizada associação travesti-prostituição/transexuais-prostituição. Tal fato não invalida o que tem sido reafirmado ao longo deste estudo: a prostituição é um espaço de desejos, de reafirmação de feminilidades e de aprendizado para travestis e transexuais; além disso, ela

se sobressai como uma alternativa para a busca de melhores condições de vida e de realizações pessoais.

Para as entrevistadas, realizar a prostituição não é uma prática fácil ou mesmo digna, uma vez que está permeada por xingamentos, violências e medo da morte. Entretanto, a prostituição é o lugar que as acolhe, é o espaço onde podem encontrar oportunidades. As seis interlocutoras desta pesquisa receberam convites para se prostituir, mas apenas duas (Viola e Scarlett) nunca exerceram a prostituição em nenhum momento das suas vidas. Ambas encontram-se desempregadas e moram com os seus respectivos familiares.

Observa-se aqui que a prostituição é uma realidade comum à vida de travestis e mulheres transexuais e, ainda que não a exerçam de fato, elas tomam para si as experiências de outras “bichas” (por vezes, referem-se umas as outras com este termo), sonhando em obter o mesmo sucesso ou recusando vivenciar os casos de infortúnio. Destarte, as informantes deste estudo haviam construído uma rede de relações que envolvem parentes, namorados, amigas/os, além das cafetinas. Portanto, muitas travestis e mulheres transexuais, quando já inseridas na prostituição, utilizam-se dessa rede para migrar para outros estados ou para a Europa. Por isso, mesmo aquelas que não se prostituíam conheciam os caminhos para “cruzar o Atlântico”. As interlocutoras que não haviam exercido nenhum tipo de serviço sexual demonstraram certo receio e medo em relação à entrada no mercado do sexo; elas classificam a prostituição como uma “vida difícil”, porém, normalmente, associam-na a possibilidade de viagens internacionais e de mudanças corporais. Viola narra como ocorre o processo de deslocamento e de transformação do corpo na prostituição,

A gente chega lá natural, naturalmente, aí aos poucos você vai mudando o seu corpo, entendeu? À medida que vai trabalhando, você vai pagando. Ela [cafetina] manda a passagem pra gente, a gente vai. Aí quando chega o destino que é pra ir, elas alugam... já tem uma casa lá que elas vivem e a gente vai pra lá. Aí você escolhe se você trabalha durante o dia ou à noite ou então os dois, os dois períodos. Aí você vai ou pra boate que eles lá têm ou então vai pra beira de esquina. Aí elas perguntam se você quer se bombar, se quiser mudar alguma coisa no seu corpo, você muda só que vai pagando aos poucos. Bombar é mudar as partes do corpo. (Viola)

Marilyn também desvela como aconteceria esse processo de recrutamento, normalmente, proposto pelas cafetinas. Ela, diferente de Viola, já exerceu a prostituição no Ceará e desistiu da viagem para a Europa, pois havia conhecido o seu atual marido antes de migrar. A partir da experiência do pretense processo de migração, ela explica o passo a passo:

Antes d'eu ir, quando tava já com a passagem já comprada, já marcada, já pra ir, eu conheci o meu marido. Aí eu fui me envolvendo com ele, me envolvendo, me

envolvendo... quando foi perto do dia de eu viajar, eu desisti. Porque eu já tinha conhecido ele, eu não tive mais coragem de viajar e deixar ele mais. Tem umas cafetina aqui, que elas têm amizade com umas cafetinas que moram na Itália, Espanha.. Europa, né? E... elas diziam assim: “fulana... é... eu quero uma menina, uma travesti, uma transexual 18 anos, 24 anos, 23 anos do perfil magra... assim, assim, assim... que não tenha prótese”... eles não querem que tenha prótese. Pra chegar lá pra... pra... ser visto como carne nova. Entendeu como é? Quanto mais natural você chegar lá na Itália e São Paulo mais dinheiro você ganha. Coloca depois, porque é assim, você vai, elas mandam tudo pra você, tudo financiado... é... elas mandam a passagem de avião, que é torno de mil reais, se tiver promoção é mais barata, aí elas pagam sua passagem, ela paga o táxi pra pegar você lá no aeroporto, entendeu? Ela paga comer, alimentação, tudo lá. Mas tudo isso... é... você tem que pagar tipo uma multa. A passagem foi mil, você tem que pagar com mais mil, fica dois mil, né? Aí a diária, você não foi trabalhar porque chegou cansada, aí fecha nos duzentos e cinquenta, né? Aí você paga dois mil duzentos e cinquenta a ela. Aí você tem que pagar a ela primeiro, tem que ficar fazendo programa pra fechar a dívida dela, pra pagar a dívida. Quando você terminar de pagar a dívida é que você vai ganhar o seu. Aí quando você começa a ganhar o seu, você tem que abrir logo a sua poupança pra depositar o seu dinheiro. Aí elas dão um prazo de você se transformar assim: “olha você tá aqui, passe nem que seja uns três anos, depois você bota as suas próteses”. Por que assim que você chegar lá e botar você vai perder os clientes. Porque eles querem você natural. Eles acham mais bonito, os clientes de lá. Porque eles pensam que a gente não é muito rodada, não é muito vivida. Aí quando você bota prótese, começa a fazer plástica... “ixi, essa aí já é conhecida, já é vivida, não é mais novinha, não”. Quanto mais você tem a aparência de mais nova, mais natural, mais magrinha, mais eles acham interessante. (Marilyn)

Os relatos de Marilyn são semelhantes aos de Viola. As interlocutoras veem no recrutamento um “convite” e no empréstimo de dinheiro para a viagem um “financiamento”. Não obstante, o “financiamento” com transporte, estadia, alimentação e posteriores modificações corporais tornam-se dívidas que devem ser pagas com os ganhos da prostituição. O atraso ou o não pagamento geram multas. As cafetinas, porém, não contam para travestis e transexuais sobre as dificuldades que elas podem vivenciar nos países aos quais se destinam.

As vivências descritas encaixam-se nas definições sobre tráfico de pessoas para fins de exploração sexual, o qual parte de um processo de aliciamento, coação, engano e/ou abuso, transporte, alojamento e exploração sexual. É importante lembrar que as definições para este fenômeno são variadas, mas, sem dúvida, o marco dentre os instrumentos normativos na contemporaneidade e que rege este estudo é o Protocolo Adicional a Convenção das Nações Unidas contra o crime Organizado Transnacional, relativo à Prevenção, à Repressão e à Punição do Tráfico de Pessoas, em especial de Mulheres e Crianças, elaborado na cidade de Palermo no ano 2000, mais conhecido como Protocolo de Palermo. Esta definição aborda aspectos específicos do tráfico de pessoas, apresentando a concepção mais completa referente a tal crime. Em seu artigo 3º, alínea a, traz a seguinte acepção:

Por “tráfico de pessoas” entende-se o recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou o acolhimento de pessoas, recorrendo à ameaça ou ao uso da força ou a outras formas de coação, ao rapto, à fraude, ao engano, ao abuso de

autoridade ou à situação de vulnerabilidade ou à entrega ou aceitação de pagamentos ou benefícios para obter o consentimento de uma pessoa que tenha autoridade sobre outra para fins de exploração. **A exploração incluirá, no mínimo, a exploração da prostituição de outrem ou outras formas de exploração sexual**, o trabalho ou serviços forçados, escravatura ou práticas similares à escravatura, a servidão ou a remoção de órgãos. (NAÇÕES UNIDAS, 2003, p. 21, grifo nosso).

O referido Protocolo oferece a definição mais conhecida e completa sobre o fenômeno, porém tem sido alvo de críticas por parte dos/das estudiosos/as da área, pois não se posiciona quanto à “exploração da prostituição de outrem”, tampouco caracteriza os tipos de exploração sexual aos quais se reporta. Tal indefinição deixa a cargo dos países signatários a responsabilidade das deliberações e dos parâmetros sobre o tráfico de pessoas e sobre a exploração sexual a que este crime pode estar correlacionado. Este fato pode causar equívocos nas interpretações dos países. Apesar de tais críticas, a aceção do Protocolo de Palermo ainda é a mais aceita quando se trata do tráfico de pessoas. Vale salientar que em 2004 o Brasil ratificou o Protocolo de Palermo, inserindo-se no debate transnacional de enfrentamento ao tráfico de pessoas. Esse processo foi relevante para a elaboração, implementação e execução da Política Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas (PNETP), aprovada pelo Decreto nº 5.948 de 26 de outubro de 2006.

As entrevistadas reiteram em suas falas o que lhes foi passado pelas cafetinas, neste sentido, nota-se que as cafetinas recomendam que as travestis e transexuais que aceitam migrar estejam “naturais”, pois os clientes estrangeiros assim preferem. As transformações do corpo são objetivos prioritários para grande parte das pessoas que compõem esse segmento. De tal modo, percebe-se que as cafetinas utilizam esse pensamento para manter as migrantes por mais tempo trabalhando para elas, uma vez que “aos pouco você vai mudando o seu corpo” e pagando as dívidas adquiridas.

Viola acrescenta uma importante informação sobre a realidade no exterior das travestis e transexuais que “não se dão bem”, além da exploração sexual, elas também correm o risco de sofrerem violências físicas de cafetinas, como castigo por atrasarem ou não pagarem as suas diárias de estadia. Ela diz

Não, a gente pensa: “eu vou, vai que eu na beira de esquina aparece um ‘veinho’ querendo casar, querendo algo mais”. Porque você não pode cair, né? Não pode cair nessa ideia, porque você tá lá, você tá indo a trabalho. É prostituição, mas você tá indo a trabalho. Elas mandam as suas passagens, só que você tem que pagar todinha a passagem e se você não pagar, ficar em dívida com elas é riscado elas... espanca, manda matar, entendeu? Também tem umas que entram no mundo das drogas e o dinheiro que elas ganham só dá pras drogas e a diária da cafetina já não tem, né? Aí com isso vai ‘ajuntando’ as dívidas delas, aí a cafetina um dia bate ou espanca ou manda matar. Porque você tem que ter o dinheiro delas, tem que pagar. (Viola)

É importante ressaltar que esta realidade de exploração e violências físicas é descrita pelas interlocutoras como algo “natural” ao processo de migração. Quando Viola descreve o medo em aceitar os “convites” feitos pelas cafetinas, está também se referindo

em aceitar todas as condições as quais pode estar sujeita durante a viagem e o tempo em que estiver se prostituindo no exterior.

Scarlett compartilha do sonho de viajar para fora do Brasil e revela o desejo de modificar o corpo, porém, assim como Viola, expressa um sentimento de medo. Ela diz,

Tenho vontade e tenho um pouco de medo, 'por causa que', às vezes, a vida te pega. A vida te pega assim pelos seus gostos. Pelo o que você mais deseja, a vida te explora. Porque no caso da exploração sexual, né? Às vezes chega muitas pessoas dizendo assim: "Aí, vou fazer teu corpo". "Eu vou te dar tuas próteses de silicone". Prometendo uma coisa que você sempre desejou, te pega pelos teus sonhos. Aí cobra o dobro do valor que você imagina. Você nunca termina de pagar, fica lhe explorando. Você fazendo programa em esquina, essas coisas. Isso que eu tenho medo das transformações sexuais. Então, eu já pensei... eu queria transformar meu corpo realmente se fosse por conta própria, se eu trabalhasse, se eu arranjasse um emprego, é muito difícil emprego por questão do preconceito e tudo. Se fosse 'pra mim' fazer meu corpo, eu faria com meu próprio dinheiro pra não sofrer esse tipo de abuso. (Scarlett)

As transformações corporais aparecem para Scarlett como uma realidade distante, pois ao mesmo tempo em que não deseja exercer a prostituição para modificar o corpo, também reconhece que o mercado formal de trabalho fecha-se para o segmento de transexuais e travestis, consideradas transgressoras da normalidade. De tal modo, a prostituição apresenta-se como o caminho mais próximo para "fazer o corpo" e, segundo a informante, um espaço onde "a vida te pega". Nota-se que a interlocutora enxerga nas modificações corporais uma brecha para possíveis casos de exploração sexual. A noção de exploração sexual de Scarlett está associada a termos financeiros, isto é, pagar para cafetinas ou cafetões, por meio do dinheiro obtido na prostituição, um valor além do que lhe é emprestado, causando endividamento. A cafetina aparece como a figura da exploradora na percepção de Scarlett. Esta visão difere das demais entrevistadas que veem nas cafetinas uma "mãe", uma figura "protetora", uma pessoa que oferece oportunidades de trabalho que não teriam como conseguir no mercado formal.

Ao longo desta pesquisa, percebeu-se que as participantes que exerciam a prostituição relativizavam o significado da exploração aos ganhos e perdas financeiras e ao tratamento dado pelas cafetinas. Se a cafetina cobra grandes quantidades de dinheiro pelo trabalho de travestis e mulheres transexuais, perpetuando dívidas, elas são vistas como "exploradoras", "gaiatas" de acordo com a informante Lupita. No entanto, se as cafetinas recebem apenas pela diária no aluguel dos quartos e pela alimentação são consideradas "justas", pois estão fazendo não mais do que o seu trabalho. Quando questionada se já havia recebido "convites" de cafetinas para viagens, a entrevistada observa,

Já recebi algum convite, sim. Mas, eu só fui lá pra São Paulo mesmo e esse negócio de tráfico, assim... do lado, eu não sei do lado hétero, pq eu só trabalhei, na área de prostituição, eu só fiquei só na área de travesti. Nunca trabalhei junto com mulher, não. **Então, eu não sei do lado da mulher, mas o lado da travesti, que é da transexual, quando acontece isso é porque ela fica devendo, ela 'se coloca'.**

Ela 'se coloca' o que é? Ela... ela usa droga e fica devendo e a cafetina pega acha ruim... **Cafetina é uma pessoa que bota uma casa, dá comida, dá moradia e ela quer o dinheiro. É tipo hospedagem, porque pra gente ir pra São Paulo, pra outros cantos, Rio de Janeiro, a gente precisa dessa proteção, dessa cafetina, que chama.** Então, na época que eu fui, fiquei em uma cafetina maravilhosa. Eu paguei ela bem direitinho, fiquei com uma pessoa maravilhosa. O pessoal pensa que é assim: "aí, tava explorando, tava não sei o quê, passou na televisão", mas vai procurar bem direitinho. Porque eu tenho muitas amigas que é cafetina, mas ela é de bem, é do bem. Agora tem outras que realmente, realmente, elas bate, entendeu? Mas, vai procurar. A 'bicha' não quer pagar, não quer... é... não quer pagar a diária direito, só fica bebendo, só fica se colocando. **Então, a cafetina é como se fosse uma mãe. Já que a família não aceita, então, ela é como se fosse uma mãe. Ela quer que você... o seu bem, ela quer que você faça as suas plásticas, ela quer que você... ela quer o seu bem. Ela não quer o seu mal, mas ela quer em troca... ela quer o dinheiro dela. Ela tá mais do que certa.** É... tá mais do que certa, mas agora tem algumas 'gaiata' que, tipo assim, é... que a passagem é quinhentos, ela tá pagando a sua passagem de quinhentos, chegando lá, tem algumas que são 'gaiata', realmente, chegando lá você vai pagar três vezes mais. Então, paga mil e quinhentos, três vezes mais. Então, tem algumas que são 'gaiata', realmente. Tem outras que não dá comida, só dá só a moradia. Então, sai muito caro, realmente. Tem muitas que são 'gaiata'. Tem outras, é só você pesquisar, tem muitas cafetinas que são como mãe mesmo! (Lupita, grifos nossos)

Em sua fala, a participante chega a relacionar situações que para ela são tidas como exploração às ações das próprias travestis e transexuais; o uso de drogas ou o não pagamento de diárias, por exemplo, aparecem na fala de Lupita como justificativas para que a cafetina aja de forma violenta ou cobre de maneira abusiva pelas dívidas adquiridas. O tratamento proferido pelas cafetinas seria como um "corretivo" para que tal situação não viesse a se repetir.

Conforme Angelina, outra entrevistada do presente estudo, a exploração estava na falta de liberdade, nas horas extenuantes de trabalho e nas cobranças excessivas de taxas feitas pela cafetina responsável pela "casa de massagem" onde trabalhou. Quando indagada se em algum momento já havia se sentido explorada, ela relata,

Explorada sim. Por não ter liberdade, por não poder sair. Ela não deixava a gente sair. A gente tinha que ficar dentro da casa 24 horas, acordava cedíssimo, 7:00 horas da manhã já pronta, maquiada, pra trabalhar pro programa. E o telefone tocava já 6:00 horas da manhã, já esses homens querendo relaxar, né? Então, a gente encerrava até as 10:00 da noite. Era metade meu, metade dela. (Angelina)

Ela acrescenta ao relato que, apesar das longas jornadas de trabalho e das altas taxas cobradas dentro da casa, conseguia pagar "tudo direitinho". Angelina afirma em sua fala que:

Era uma exploração, porque apesar de eu dar a metade pra ela e a metade meu, eu tinha que gastar dentro, porque se eu carregasse um carregador era 3 reais. Eu pagava 3 reais. Se for 'pra mim' comer... pra carregar o celular é 3 reais, pra fazer o cabelo é 15 reais. Eu não devia. Eu sempre pagava direitinho. Eu não parava! Eu, como eu era... era novidade, eu não parava. Eu saía de um quarto, aí quando o homem botava o olho em mim: "eu quero ela!", aí as outras ficavam com raiva de mim, botava até macumba. Eu nunca... eu nunca fui movida a esses tipos de negócio, de macumba e elas mexiam muito, "Vou botar macumba nela!". Aí a cafetina, como ela sabe mexer com macumba, dizia: "Oh, botaram macumba pra você. Vamo tomar um banho pra soltar esse anjo dessas bicha". Aí como eu era inexperiente, eu não vi, aí... mas eu trabalhava muito bem, eu fazia sete, oito programas por dia. Por dia, eu chegava com 400 reais no bolso, 500 no bolso. (Angelina)

Angelina é a única entrevistada que afirma ter passado por uma situação de exploração durante a prostituição. Ela desconhece o tráfico de pessoas para fins de exploração sexual, apesar de, em seus relatos, ter dado características claras deste crime. Angelina mora no município de Maracanaú e a “casa de massagem” à qual se refere fica localizada na Beira Mar de Fortaleza. As demais interlocutoras que exerciam a prostituição (Marilyn, Lupita e Brigitte) reconheciam a existência de uma exploração (ainda que de cunho econômico), mas não se viam sujeitas a tal violação. As cafetinas com as quais haviam trabalhado eram qualificadas como “muito boas”, “pessoas maravilhosas” ou como “mães”. A exploração era coisa para as *outras*. Neste sentido,

Muitas delas exploram, exploram de verdade, mas tem umas que são como se fosse umas mães. Cuida de você, não deixa lhe bater, deixa uma pessoa responsável por você na rua, fica uma pessoa responsável por você na rua, né? Mas tem outras que realmente exploram mesmo, tira tudo que é seu. (Marilyn)

Ao discutir as diferentes noções sobre exploração sexual, Piscitelli (2013) destaca que, em suas incursões de campo, as entrevistadas percebiam a prostituição como um trabalho que poderia ser alvo de uma exploração econômica. Elas, assim como as interlocutoras deste estudo, associam a exploração às perdas financeiras e cobranças excessivas nos espaços em que estão inseridas. Além disso, dão destaque especial para as condições de trabalho que recebem. Nota-se, de tal modo, que:

[...] Para todas, a prostituição era percebida como um trabalho. E, como trabalho, podia ser objeto de exploração econômica. As condições de trabalho na indústria do sexo na Espanha se alteravam em função do nicho ocupado, do tipo de estabelecimento, *clubs*, apartamentos ou serviços acertados na rua. Também se alternavam em função do estatuto migratório (Piscitelli, 2008). O pagamento de diárias ou a retenção de parte dos rendimentos pelos proprietários dos *clubs* era aspectos negativos na percepção das mulheres que trabalharam nesses locais, particularmente quando eram considerados excessivos. E, nesses casos, elas aludiam à exploração. (PISCITELLI, 2013, p. 158)

No caso das interlocutoras desta pesquisa, os nichos ocupados eram gerenciados, principalmente, por transexuais ou travestis veteranas, chamadas de cafetinas, e as cobranças excessivas e/ou as condições de trabalho desfavoráveis eram classificadas como exploração. Os relatos das entrevistadas delineiam com clareza esta percepção de exploração. Marilyn, que se prostituía na rua, reclama das taxas que tinha que pagar para travestis: “A rua é pública, né? A pessoa tem que fazer na rua... é um direito de você ir e vir. Como a pessoa vai pagar uma coisa se aquela rua não é nem da pessoa? Se fosse pra pagar era pro Estado, não para outra travesti, né?” (Marilyn). Marilyn, em nenhuma de suas falas, reconhece ter passado por uma situação de exploração sexual, como já citado anteriormente.

A partir da fala de Marilyn, ratifica-se a análise de que o segmento estudado percebe a exploração em termos econômicos, quando o seu trabalho está sujeito à

cobrança de altas taxas por parte das cafetinas. Travestis e transexuais dissociam de suas percepções sobre exploração qualquer tipo de violência, abuso, engano ou coação que venham a sofrer no exercício da prostituição ou em outras áreas do mercado do sexo.

Outra informante do presente estudo faz uma separação entre “ajuda” e “cafetagem”. Ela compreende que o dinheiro cobrado para as transformações corporais e para as viagens, por exemplo, são parte de uma rede de amizades e afetos, ainda que as cobranças sejam de um valor acima do que seria estabelecido por médicos em clínicas de cirurgias plásticas e em agências de viagens, no caso dos deslocamentos. A cafetagem, por sua vez, é notada como parte de uma máfia e esta sim é responsável pela exploração de travestis e de mulheres transexuais, exploração esta também vinculada à falta de condições de trabalho e à exploração econômica. Ao ser indagada se já havia se sentido explorada sexualmente no exercício da prostituição por cafetinas, a interlocutora responde:

Não ‘cafetina’, porque eu acho que essa palavra é muito forte. Porque cafetina é aquela que, por exemplo, é aquela que explora mesmo. Tipo, por exemplo, se eu fizer... tipo, cafetina é igual aquelas coisas que tinha lá naquela novela “Salve Jorge”, entendeu? Ali era uma cafetagem. Por que? Porque as meninas não tinham tempo de tomar um banho, não tinha tempo de se ajeitar, não tinha tempo de nada, não dormia direito. Dançando e fazendo programa pra dar lucro pra elas. Ali é uma cafetagem. Agora, tipo assim, “Brigitte, eu vou te levar pra tal canto por tanto, em tanto valor. Tu me paga como pode. Me paga”. Tem bicha que paga anos assim, vários... não é que ‘seje’ várias prestações... tipo assim, eu vou pra tal canto... ‘vamo’ dar o exemplo. Pronto, eu vou pra Espanha, “Não, Brigitte, eu cobro 5 mil pra tu ir. Eu te dou os euro, te dou a carta convite, compro tua passagem. Eu quero 5 mil euro”. Quando eu chego lá, eu vou pagando conforme eu tô ganhando. Tipo, ah... eu vou dar, tipo assim, 500,00 todo mês. Foi igual uma amiga minha que botou meu peito. Ela disse: “Brigitte, o peito é 6 e alguma coisa. Só que eu vou cobrar de ti 8.500,00. Tu me paga como pode”. Aí eu fui pagando, “ai, mulher. Toma tanto, toma tanto”. Pronto, entendeu? Isso não é cafetagem. Cafetagem é, tipo, se eu fizesse 10 programas, ela tomasse todos os meus programas, não me deixasse sem nada. (Brigitte)

Neste sentido, a exploração sexual não é enxergada por Brigitte dentro da rede de amizades e afetos, ela percebe tal exploração dentro de uma estrutura mafiosa. Assim, busca separar a figura das transexuais que a ajudaram da figura de uma “exploradora”. A entrevistada fala, inclusive, da inexistência atual de cafetinas, ela diz: “Cafetagem, essa coisa, era de muitos anos atrás. Muitos anos, entendeu? Hoje, não tem mais. Acabou! Hoje em dia... é... qualquer canto você pode se prostituir”. Essa tentativa de desvincular a imagem deste público de atividades criminosas não ocorre apenas com Brigitte, mas também com outras quatro informantes deste estudo: Viola, Marilyn, Angelina e Lupita. Estas últimas veem a cafetina como uma empregadora, que as acolhe e oferece oportunidades, ou, como relata Lupita, uma “mãe” que as protege nos momentos de necessidade e as corrige quando não se comportam bem (sobre o uso da violência nos casos de travestis e transexuais que “se colocam”). Quando se reportam às cafetinas na figura de uma empregadora fazem ressalvas, pois reconhecem os excessos e a falta de

condições de trabalho (não fornecem alimentação e/ou moradia). De acordo com esta percepção, o exercício da prostituição, bem como qualquer outro trabalho, pode estar sujeito à exploração que, na visão das informantes, está ligada às suas perdas e ganhos financeiros.

Não se pode analisar travestis e transexuais partindo de uma perspectiva engessada sobre as categorias tráfico de pessoas, exploração sexual e prostituição, uma vez que as viagens internacionais e as transformações corporais, por exemplo, apontadas como principais caminhos para se recrutar este segmento para mercado do sexo e, conseqüentemente, para o tráfico de pessoas representam a construção de uma identidade e a possibilidade de ascensão econômica para o segmento pesquisado. Além disso, as próteses de silicone, os apliques de cabelos, os tratamentos faciais a laser e o desejo de conhecer outros países, especialmente da Europa, não são práticas facilmente acessadas por estes sujeitos sem intermédio e ajuda de amigas mais velhas ou de cafetinas. De tal modo, reconstróem laços afetivos e familiares, considerando as “transex veteranas” e as cafetinas como parentes próximas ou como “mães”. No caso de Brigitte, pode-se perceber que a palavra “cafetina” a incomoda, pois está carregada de estigma e, normalmente, é relacionada à exploração sexual e a outros crimes. Portanto, a entrevistada busca desassociar aquilo que classifica como ajuda, de qualquer tipo de violação de direitos; afinal, não pode considerar amigas ou parentes que a apoiaram financeiramente em suas modificações corporais como cafetinas.

Para descrever os sentidos da exploração, a entrevistada recorre ao exemplo da novela “Salve Jorge” que traz um tipo ideal para o tráfico de pessoas para fins de exploração sexual. Morena, personagem principal da trama, tinha todos os elementos para ser considerada “traficada”: foi enganada por uma cafetina que estava a frente de uma perigosa máfia e ao chegar ao seu destino no exterior perdeu a liberdade, sofreu vários tipos de violência e foi obrigada se prostituir até ser salva pela polícia. Casos como o descrito pela novela podem ocorrer, mas de longe não são os mais comuns. Além disso, torna-se relevante, em um contexto de recrudescimento das migrações em escala global, compreender quem são os/as migrantes, quais as suas motivações e as suas redes de relações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Longe de esgotar todas as discussões que a temática do tráfico de pessoas e da identidade de gênero de travestis e de transexuais enseja, buscou-se, nesta pesquisa, apresentar um processo de desmistificação desta realidade, situando o tráfico no contexto

histórico e social brasileiro, mas não só isso. À problemática, tentou-se articular as descobertas e as inquietações sobre um segmento que tem sua existência questionada. Neste sentido, observou-se aqui a complexidade e a importância em se abordar esta expressão da questão social.

A dinâmica contemporânea, na qual se aprofundam os fluxos migratórios, reatualizam formas de exploração e transformam os seres humanos em mercadorias. É convidativa a ideia de repensar não apenas as abordagens vigentes sobre o tráfico de pessoas, mas também a debilidade das redes de sociabilidade e a subordinação da mesma ao modo de produção capitalista. Este suscita um processo de exclusões e desigualdades sociais que penalizam, especialmente, aqueles que advêm das camadas mais pobres da sociedade. De tal modo, enxerga-se o tráfico dentro dessa dinâmica contraditória, na qual os sujeitos, assim como as coisas, adquirem valor de troca e prazo de validade, sendo prontamente descartados e substituídos quando “perdem a serventia”.

As relações de gênero estão consubstancialmente imbricadas na problemática do tráfico de seres humanos, promovendo uma discussão que reafirma o tráfico como um fenômeno onde há uma subsistência do patriarcado, das relações sexistas e da desigualdade material entre homens e mulheres.

REFERÊNCIAS

NAÇÕES UNIDAS. **Guia legislativo para a implementação do protocolo adicional à convenção das Nações Unidas contra a criminalidade organizada transnacional relativo à prevenção, à repressão e à punição do tráfico de pessoas, em especial de mulheres e crianças.** v. 3, Viena: Nações Unidas, 2003.

PELÚCIO, L. **Abjeção e desejo:** uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

PISCITELLI, A. Exploração sexual, trabalho sexual: noções e limites. In: SILVA, D. A., *et al* (Orgs.). **Feminilidades:** corpos e sexualidades em debate. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2013.

SIQUEIRA, I. Profissionais ou “Marginais” por falta de regulamentação. In: SILVA, D. A., *et al* (Orgs.). **Feminilidades:** corpos e sexualidades em debate. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2013.